

FRJ/IEI
D207

33545-2

INSTITUTO DE ECONOMIA INDUSTRIAL



TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 207
REESTRUTURAÇÃO INDUSTRIAL E CON-
FLITO DISTRIBUTIVO NA ECONOMIA
ITALIANA

Carlos Medeiros
Agosto/1989

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA INDUSTRIAL



REESTRUTURAÇÃO INDUSTRIAL E CONFLITO DISTRIBUTIVO
NA ECONOMIA ITALIANA

Carlos Medeiros
Agosto/1989



43 - 016554



FEA - UFRJ
BIBLIOTECA
Data: 14 / 04 / 90
N.º Registro: 033545-2

5
UFRJ/IEI

TD 207

us 87930

FICHA CATALOGRÁFICA

Medeiros, Carlos Aguiar de.

Reestruturação industrial e conflito distributivo na economia italiana/Carlos Aguiar de Medeiros. — Rio de Janeiro: UFRJ/IEI, 1989.

42p.; 21cm. (Texto para Discussão. IEI/UFRJ; n. 207)

Bibliografia: p. 39-40.

1. Economia Industrial - Itália. 2. Mercado de Trabalho - Indústrias - Itália. 3. Desenvolvimento Econômico - Itália. I. Título. II. Série.

Os sinais de recuperação da economia mundial nos últimos anos revelam a emergência de situações nacionais bastante diferenciadas do quadro econômico prevalecente na década passada. A experiência italiana constitui um caso extremamente sugestivo de inovações criativas num quadro de mutação estrutural, revelando aspectos surpreendentes quanto ao comportamento global da economia. Em particular, a emergência de um novo polo de desenvolvimento situado na região norte oriental do país e baseado em pequenas e médias empresas suscita novas reflexões sobre o desenvolvimento econômico neste final de século.

Por outro lado, a experiência italiana, constitui um "laboratório" para o exame da questão distributiva que juntamente com o desemprego estrutural constituíram segundo a expressão de V. Foa (1975) "...il vero grande protagonista della storia italiana del secondo dopoguerra". (pg. 25). Com efeito, em torno desta questão, desenvolveu-se ampla controvérsia sobre a relação entre salários, produtividade e lucros tanto ao nível acadêmico - e aqui destacam-se os trabalhos de Labini nos anos 70 e da Banca d'Italia nos anos 80 quanto ao nível político e sindical em torno da política salarial e de rendas. Diversos estudos publicados no final dos 70 e início dos 80 (os trabalhos de Pacci e Graziani entre outros) procuraram vincular o crescimento baseado em pequenas e médias empresas ao conflito distributivo, a uma, por assim dizer, "astúcia do capital".

O reconhecimento, mais recente, que a emergência de uma "industrialização difusa" (a expressão é de Bagnasco, 88) no centro oriental da Itália caracteriza uma nova realidade, não redutível ao conflito distributivo, sugere um enquadramento diferente sobre as conexões entre conflito distributivo e desenvolvimento econômico.

O nosso objetivo neste texto é apresentar numa primeira parte os aspectos gerais da crise econômica e da reestruturação industrial para, em seguida, examinar o comportamento do mercado

de trabalho em conjunto com a dinâmica da distribuição de renda. Na 3ª e última parte, serão examinados diversos aspectos da "industrialização difusa" e algumas reflexões teóricas sobre o desenvolvimento econômico.

1. Crise e Reestruturação Industrial na Economia Italiana

Considerando em conjunto o período de 1975/84 pode-se perceber que o impacto da crise de 73 e 79 sobre a produção manufatureira italiana foi menos acentuado que o que se deu na Alemanha e na França. Com efeito, de acordo com a OCDE, o crescimento médio percentual da produção manufatureira foi de 2,2% na Itália, 1,7% na Alemanha e 1,4% na França. Neste mesmo período, a produção manufatureira no Reino Unido foi -0,5%. Se considerarmos o crescimento por subsetores na indústria de transformação, o crescimento mais acentuado deu-se na indústria de material eletrônico e de material de transporte. (Ver Quadro 1).

Dado o caráter essencialmente aberto da economia italiana, é importante considerar o crescimento das exportações de manufaturados ao longo da última década. Com efeito, quando se decompõe o crescimento econômico italiano por fontes de demanda, percebe-se que a tendência histórica de um desenvolvimento voltado para as exportações afirmou-se fortemente no período 1980-1985. Neste período, de acordo com o CER, 59,2% do crescimento do PIB é atribuído à demanda externa. Em relação à demanda interna, o crescimento da demanda por bens foi negativo (-48,2%) mas houve forte compensação com o crescimento dos serviços (89,9%). Em relação às exportações, ao longo do período de 1970 a 1985 e de acordo com os dados da OCDE, apenas a Itália e o Japão entre os 6 países mais ricos viram sua "quota" de mercado aumentarem sobre o total das exportações mundiais. O mesmo ocorreu tanto em relação às exportações dos 6 países (ver Quadro 2). Este movimento é também verdadeiro quando se considera exclusivamente a década de 80.

A despeito do enorme esforço de exportação - o crescimento das exportações sobre o produto nacional bruto mais importações praticamente dobrou entre 1970 e 1980, performance só superada pelo Japão - a forte dependência da economia italiana em produtos agrícolas, petróleo, gás e derivados e minerais metálicos resultou entre 1970 e 1985 num aumento real do déficit do balanço de pagamentos em relação ao produto nacional bruto. Contudo é importante considerar que durante a década de 80, o saldo negativo vem reduzindo-se progressivamente, em relação ao PNB.

QUADRO 1

Variação Média Percentual da Produção da Indústria Manufatureira
no Período 1975-84.

| Indústria | Grã | | | | | |
|------------------------|------|-------|----------|--------|----------|--------|
| | USA | Japão | Alemanha | França | Bretanha | Itália |
| Material Eletrônico | 7,2 | 16,4 | 3,1 | 3,5 | 1,5 | 3,7 |
| Indústria Mecânica | 4,2 | 5,8 | 2,1 | 0,4 | -1,3 | 2,3 |
| Material de Transporte | 3,9 | 3,4 | 2,9 | 3,4 | -2,9 | 3,8 |
| Metalurgia | 2,5 | 3,3 | 0,7 | 1,8 | -0,5 | -1,5 |
| Produtos Químicos | 5,2 | 6,0 | 2,4 | 2,3 | 1,8 | 2,6 |
| Metais de Base | 3,4 | 2,8 | 0,5 | 0,1 | -1,8 | 1,8 |
| Produto Siderúrgico | -2,0 | 2,3 | -0,5 | -1,4 | -4,1 | 1,2 |
| Metais não Ferrosos | 2,5 | 3,9 | 2,0 | 4,0 | -0,4 | 2,1 |
| Produto Alimentar | 3,0 | 1,6 | 1,4 | 1,7 | 1,1 | 2,4 |
| Produto Têxtil | 0,8 | 0,5 | -1,9 | -1,4 | -2,1 | 1,7 |
| Total da Indústria | 4,0 | 5,5 | 1,7 | 1,4 | -0,5 | 2,2 |

FONTE: OCDE

QUADRO 2

Quota de Mercado na exportação de Produtos da Transformação Industrial (percentual calculado sobre valores a preços constantes)

| Relações | Anos | Grã | | | | | |
|--|-------|-------|-------|----------|--------|-------|--------|
| | | USA | Japão | Alemanha | França | Bret. | Itália |
| Quota sobre exportação dos 6 países | 1970 | 28,24 | 15,30 | 24,00 | 12,19 | 10,78 | 9,49 |
| | 1971 | 24,07 | 15,85 | 24,99 | 11,91 | 14,21 | 8,98 |
| | 1972 | 22,88 | 16,25 | 25,45 | 12,63 | 13,26 | 9,53 |
| | 1973 | 22,80 | 15,58 | 27,74 | 13,06 | 12,32 | 8,49 |
| | 1974 | 23,73 | 17,40 | 26,85 | 12,30 | 11,34 | 8,38 |
| | 1975 | 24,17 | 16,23 | 25,22 | 13,37 | 11,93 | 9,07 |
| | 1976 | 23,56 | 17,70 | 25,87 | 12,88 | 11,24 | 8,76 |
| | 1977 | 21,62 | 18,37 | 25,98 | 12,86 | 11,90 | 9,26 |
| | 1978 | 21,11 | 18,41 | 25,77 | 12,67 | 12,29 | 9,76 |
| | 1979 | 21,73 | 16,17 | 25,84 | 13,52 | 12,45 | 10,30 |
| | 1980 | 22,75 | 17,33 | 24,51 | 12,88 | 12,98 | 9,55 |
| | 1981 | 24,73 | 20,75 | 22,79 | 11,86 | 10,57 | 9,30 |
| | 1982 | 23,69 | 20,10 | 24,27 | 11,56 | 10,80 | 9,57 |
| | 1983 | 22,96 | 21,66 | 23,84 | 11,55 | 10,21 | 9,79 |
| | 1984 | 23,47 | 23,55 | 22,66 | 11,12 | 9,82 | 9,37 |
| 1985 | 23,57 | 23,05 | 22,46 | 11,05 | 9,92 | 9,94 | |
| Quota sobre exportação dos países OCDE | 1970 | 18,51 | 10,03 | 15,74 | 7,99 | 7,07 | 6,22 |
| | 1971 | 16,27 | 10,71 | 16,90 | 8,05 | 9,61 | 6,07 |
| | 1972 | 15,25 | 10,83 | 16,96 | 8,42 | 8,84 | 6,35 |
| | 1973 | 15,14 | 10,35 | 18,42 | 8,67 | 8,18 | 5,64 |
| | 1974 | 16,09 | 11,80 | 18,21 | 8,34 | 7,69 | 5,69 |
| | 1975 | 16,64 | 11,17 | 17,35 | 9,20 | 8,21 | 6,25 |
| | 1976 | 16,02 | 12,03 | 17,59 | 8,76 | 7,64 | 5,96 |
| | 1977 | 14,86 | 12,62 | 17,85 | 8,84 | 8,18 | 6,36 |
| | 1978 | 14,55 | 12,69 | 17,76 | 8,73 | 8,47 | 6,73 |
| | 1979 | 14,90 | 11,09 | 17,72 | 9,27 | 8,54 | 7,06 |
| | 1980 | 15,77 | 12,01 | 16,98 | 8,92 | 8,99 | 6,62 |
| | 1981 | 17,29 | 14,51 | 15,94 | 8,29 | 7,39 | 6,50 |
| | 1982 | 16,47 | 13,97 | 16,87 | 8,04 | 7,50 | 6,65 |
| | 1983 | 15,85 | 14,95 | 16,45 | 7,97 | 7,05 | 6,76 |
| | 1984 | 16,14 | 16,19 | 15,58 | 7,65 | 6,75 | 6,44 |
| 1985 | 16,20 | 15,85 | 15,44 | 7,60 | 6,82 | 6,84 | |
| Quota sobre exportação mundial (*) | 1970 | 16,03 | 8,69 | 13,63 | 6,92 | 6,12 | 5,39 |
| | 1971 | 14,29 | 9,41 | 14,84 | 7,07 | 8,44 | 5,33 |
| | 1972 | 13,37 | 9,49 | 14,87 | 7,38 | 7,75 | 5,57 |
| | 1973 | 13,15 | 8,99 | 16,00 | 7,53 | 7,11 | 4,90 |
| | 1974 | 14,02 | 10,28 | 15,86 | 7,27 | 6,70 | 4,95 |
| | 1975 | 14,62 | 9,82 | 15,25 | 8,09 | 7,22 | 5,49 |
| | 1976 | 14,02 | 10,53 | 15,39 | 7,66 | 6,69 | 5,21 |
| | 1977 | 12,93 | 10,99 | 15,54 | 7,69 | 7,12 | 5,54 |
| | 1978 | 12,77 | 11,14 | 15,59 | 7,66 | 7,43 | 5,90 |
| | 1979 | 12,97 | 9,65 | 15,42 | 8,07 | 7,43 | 6,14 |
| | 1980 | 13,72 | 10,45 | 14,78 | 7,77 | 7,83 | 5,70 |
| | 1981 | 15,17 | 12,73 | 13,98 | 7,27 | 6,49 | 5,71 |
| | 1982 | 14,43 | 12,24 | 14,78 | 7,04 | 6,58 | 5,83 |
| | 1983 | 13,77 | 12,99 | 14,29 | 6,92 | 6,12 | 5,87 |
| | 1984 | 13,81 | 13,85 | 13,33 | 6,54 | 5,78 | 5,51 |
| 1985 | 13,86 | 13,56 | 13,21 | 0,50 | 5,83 | 5,85 | |

(*) Exclusive países fora do OCDE

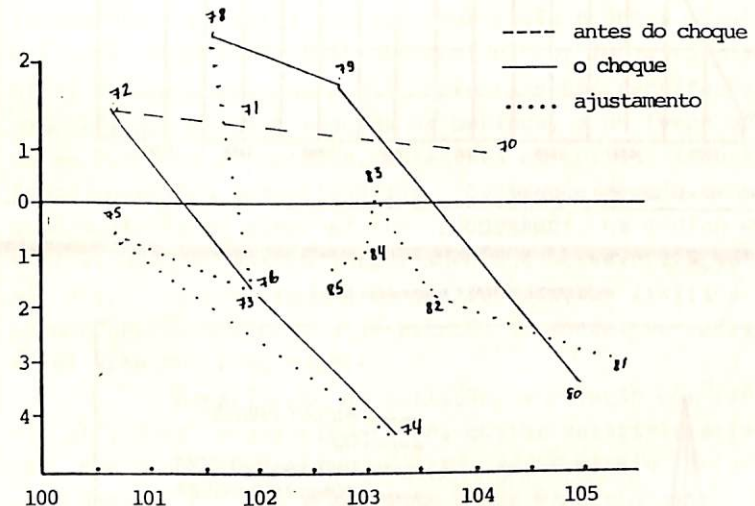
Com efeito examinando de uma perspectiva mais global, a fragilidade externa da economia italiana constituiu desde o pós-guerra - para usar novamente uma expressão de Foa - o verdadeiro protagonista das políticas macroeconômicas e de crescimento. Não se trata contudo de uma dependência externa em geral, mas, sobretudo nos últimos anos, uma dependência em relação ao ritmo de expansão da economia européia e, em particular da economia alemã. Este crescimento, fortemente condicionado é bem ilustrado no gráfico 1 que apresenta os impactos dos choques e o sentido do ajustamento ocorrido nas duas últimas décadas.

Não apenas o desempenho das exportações italianas pode ser contabilizado na boa performance dos anos 80. A redução progressiva da inflação - estruturalmente alta em relação ao quadro europeu - que atingiu um pico em 1981 com 18% aa, aproximou a trajetória dos preços internos da observada no conjunto dos países da OECD (Ver gráficos 2 e 3).

A crise do início da década teve um profundo impacto sobre o mercado de trabalho, sobretudo pelo aumento do desemprego entre os jovens. Este impacto - desenvolvido na 2ª parte deste texto - deve ser visto no contexto italiano marcado por um amplo desemprego estrutural. Mas é importante ressaltar que a despeito da elevação do nível do desemprego - cerca de 10% em 1985 - os indicadores sobre a distribuição pessoal de renda, o salário real e o consumo das famílias, não revelam uma queda significativa. As razões desta relativa estabilidade serão examinadas posteriormente, mas desde logo é possível destacar dois aspectos essenciais. O crescimento do seguro desemprego (que na Itália é diferente das experiências clássicas nesta área, ver 2ª parte deste trabalho) e a queda do índice do custo de vida, tornando o esforço de redução do custo do trabalho na manufatura, relativamente neutro para a renda real dos assalariados.

Crise econômica, aumento do desemprego, políticas ativas de reestruturação industrial aceleraram, como não poderia deixar de ser no quadro mais geral da economia italiana, o déficit público. Segundo estudo do CER:IRS, a transferência do Estado à indústria (incluindo o seguro desemprego) evoluiu de 2,1% do produto interno líquido em 1978 para 3,22% em 1984. Desse modo, o forte crescimento da dívida pública deve ser entendido como

GRÁFICO 1
CHOQUES E AJUSTAMENTOS



PIB real: Itália/OCDE Europa

(relação entre nº índice-base: média 60-70 = 100)

FONTE: Elaborado por Ranci, Malaman.

GRÁFICO 2

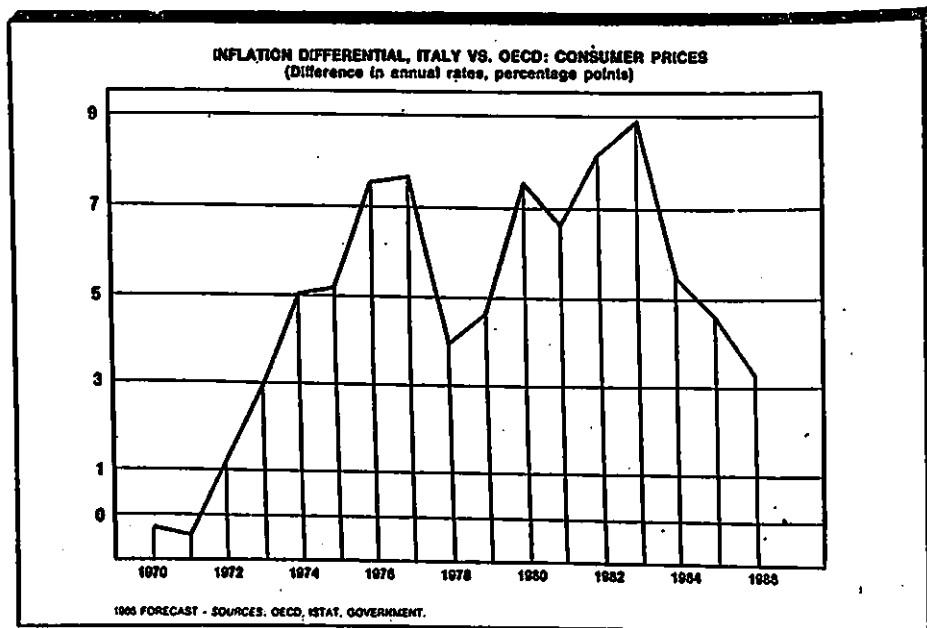
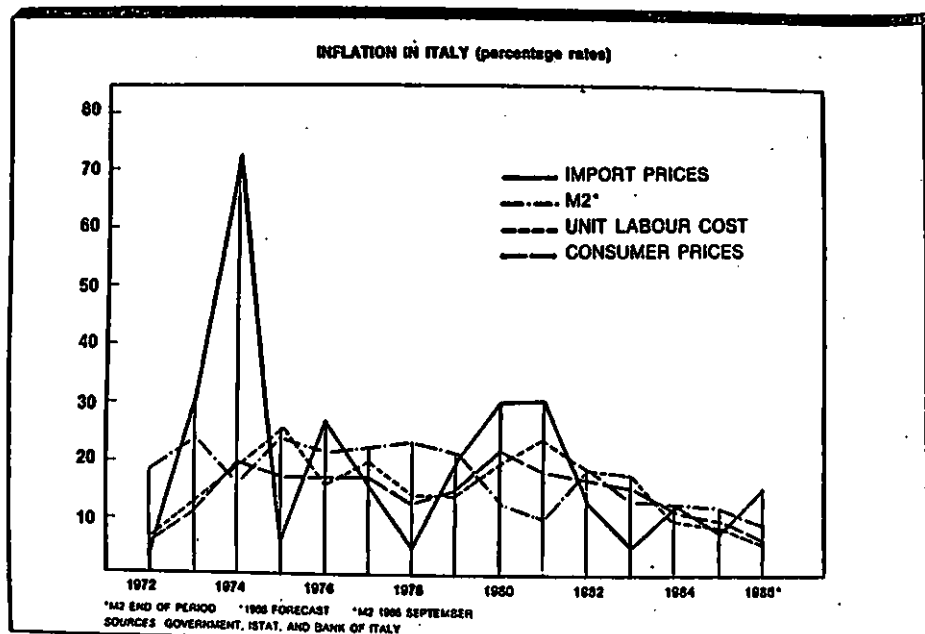


GRÁFICO 3



parte de um amplo processo de socialização dos custos do ajustamento. Um exame mais profundo, desta questão, merece um estudo a parte no contexto mais geral das transformações do capitalismo moderno deste final de século. Diversos economistas italianos apontam esta questão como o "novo e verdadeiro protagonista" das políticas macroeconômicas da próxima década, sobretudo a partir da unificação monetária européia programada para 1992. Não caberia, contudo, desenvolver o tema neste trabalho, pois possui dimensões muito mais amplas que as aqui consideradas.

Numa perspectiva mais descritiva sobre as políticas macroeconômicas dos anos 70, deve-se considerar que os dois alvos escolhidos como centrais foram inquestionavelmente o combate à inflação e o reequilíbrio da balança comercial, fortemente agravada pelos choques das matérias-primas. Diversos analistas sustentam que a política cambial constituía o único instrumento de política econômica, quase exclusivo, por incidir, diretamente no nível de competitividade das empresas e das exportações. A desvalorização cambial seguida no período, a um tempo que aumentava as receitas de exportação, aumentava os custos industriais, gerando pressões inflacionárias. Contudo o manejo cambial foi aos poucos, isolando estes efeitos conjugados, na medida em que desde o final dos 70, a lira interrompeu sua desvalorização em relação ao dólar - a principal área das importações italianas - mas continuou desvalorizando-se em relação às moedas européias, a principal área das exportações.

O crescimento da inflação, a redução dos investimentos e, até, 1978, o crescimento dos custos salariais acima da inflação, num quadro de forte redução do comércio internacional e acirramento da concorrência no setor manufatureiro, vão compor a etiologia da crise italiana dos 70. O crescimento dos salários - ver parte 2 - deveu-se em grande parte aos efeitos da plena indexação da "scala mobile" ocorrida em 1977 (*).

(*) Em 1975 a COFININDUSTRIA (o sindicato patronal privado) as 3 centrais sindicais (CGIL, CISL e UIL) reformam a escala móvel visando dois objetivos: aumento do nível médio de indexação e a unificação de uma soma absoluta para todos os empregados a cada aumento percentual no custo de vida.

QUADRO 3

Custo Variável por Unidade de Produto (normalizado com preços do produto de 70)

| Países | Anos | Custo Efetivo (1) | Custo simulado com tecnologia 1970 (2) | Índice de reestrutur- ação de custo (3) = (1)/(2) |
|---------------|------|----------------------|---|---|
| EUA | 1970 | 0,6956 | 0,6956 | 1,0000 |
| | 1975 | 0,9642 | 1,0215 | 0,9439 |
| | 1980 | 1,4486 | 1,5595 | 0,9289 |
| | 1985 | 1,8110 | 2,0826 | 0,8696 |
| JAPÃO | 1970 | 0,6779 | 0,6779 | 1,0000 |
| | 1975 | 1,3248 | 1,5634 | 0,8474 |
| | 1980 | 1,6421 | 2,3172 | 0,7087 |
| | 1985 | 1,6912 | 2,7829 | 0,6077 |
| ALEM.FED. | 1970 | 0,6763 | 0,6763 | 1,0000 |
| | 1975 | 0,9712 | 1,0881 | 0,8926 |
| | 1980 | 1,1475 | 1,4986 | 0,7657 |
| | 1985 | 1,3433 | 2,8428 | 0,7289 |
| GRÃ-BREITANHA | 1970 | 0,6494 | 0,6494 | 1,0000 |
| | 1975 | 1,0671 | 1,2439 | 0,8579 |
| | 1980 | 1,7974 | 2,3251 | 0,7730 |
| | 1985 | 2,7515 | 3,8615 | 0,7125 |
| ITÁLIA | 1970 | 0,6970 | 0,6970 | 1,0000 |
| | 1975 | 1,4228 | 1,5270 | 0,9318 |
| | 1980 | 2,5620 | 2,9653 | 0,8640 |
| | 1985 | 3,5494 | 4,5708 | 0,7765 |
| | 1970 | 0,7376 | 0,7376 | 1,0000 |
| | 1975 | 1,5170 | 1,6648 | 0,9112 |
| | 1980 | 3,3056 | 4,1097 | 0,8051 |
| | 1985 | 6,4448 | 8,2499 | 0,7812 |

FONTE: CER-IES

O alto peso do custo salarial na estrutura de custos da indústria, o crescimento dos preços das matérias-primas e o grau de abertura da economia italiana vai dar forte respaldo à opinião dos industriais, da parcela moderada do movimento sindical e dos economistas de que o crescimento dos salários constituía um verdadeiro obstáculo à lucratividade e competitividade industrial. Com efeito, o mark-up médio na indústria manufatureira italiana cai abaixo de 1 em 1977, 1981 e 1982.

O processo de reestruturação começa a se manifestar com forte ênfase após a crise de 1978-9, apesar de que neste período, a forte recessão e inflação dominam o quadro macroeconômico que perde graus de liberdade a partir do enquadramento da economia italiana em 1979 no Sistema Monetário Europeu.

A reestruturação que se desenvolveu na economia italiana foi convergente, quanto aos resultados globais, com o movimento mais geral ocorrido nos países da OCDE. (Ver Quadro 3). De acordo com a avaliação do CER-IRS, os principais movimentos foram os seguintes:

a) recuperação da lucratividade das empresas. Segundo diversos analistas, a lucratividade das empresas no período imediatamente anterior estava fortemente dependente das desvalorizações sucessivas da lira e de taxas de juros reais negativas (a economia estava "drogada" na expressão de alguns economistas). Com efeito, de acordo com a Banca d'Itália, nos anos 70, a taxa média de juros reais estiveram oscilando entre -8,55% em 1974 e -6,09% em 1980. Com isto, o endividamento das empresas cresceu fortemente. Nos anos 80, cresce o autofinanciamento e cai a relação débito sobre as vendas;

b) aumento da produtividade geral da indústria manufatureira. Entre 1980-85 a produção caiu 0,2% aa e a produtividade cresceu 2,1% aa.

As pequenas empresas modificam sua estrutura, diminuindo os esforços de integração vertical. As grandes empresas ao contrário, diversificaram suas linhas de produção, ampliando o conjunto de atividades sob seu controle. As principais inovações

foram a introdução de produtos eletrônicos, novos materiais, máquinas de controle numérico (CAD-CAM), variantes de processos, controle de qualidade, etc.;

c) maior controle sobre a força de trabalho (ver seção 2);

d) descentralização produtiva.

Os anos mais recentes testemunharam a criação de uma miríade de pequenas empresas. Muitas empresas tradicionais se organizam, novas empresas são criadas em setores novos como computação, desenho, marketing, leasing, etc. No Piemonte, Liguria, Lombardia, as pequenas e médias empresas se desenvolvem em parte pela descentralização das grandes empresas (empresas "engrenagem" na denominação de Pacci, ver parte 2 e 3). No conjunto da região central e norte oriental, a multiplicação de pequenas empresas constituiu um fenômeno novo, em direção à uma "industrialização difusa" (ver pg 1) aproveitando-se de uma vasta cultura artesanal e das potencialidades criadas pelo "corredor adriático".

Os impactos globais deste processo de mudança estrutural foi recentemente resumido por Milana (88):

"No âmbito da indústria manufatureira, os setores intensivos de capital como a química e a farmacêutica, metalmeccânica e de transportes, mostraram as mais altas taxas de inovação tecnológica. Também os setores considerados tradicionais conseguiram importantes ganhos do lado dos custos. Como exemplo, na têxtil e vestuário, o progresso técnico determinou importantes reduções de custo, contradizendo assim a interpretação econômica baseada na separação conceitual de setores "avançados dos setores considerados "tradicionais" (pg. 58).

É preciso considerar, ainda que de forma breve, as políticas de governo visando explicitamente o processo de reestruturação industrial. Em 1977 foi aprovado o Ato de Reestruturação Industrial, concebido no bojo de uma ampla discussão sobre o atraso tecnológico da indústria italiana. Através deste Ato foi criado um Comitê de Política Industrial (CPII) e um fundo de Reestruturação de 4565 bilhões de liras para um período de 4

anos. A aplicação do fundo consistia na concessão de créditos subsidiados (diversas modalidades) alocadas segundo critérios de localização regional e por tamanho do estabelecimento. Dificuldades operativas e políticas (incluindo aqui a oposição da CEE) fizeram com que o Fundo de Reestruturação terminasse antes do tempo previsto. Suas principais aplicações ficaram circunscritas a créditos à grandes empresas no Norte e Sul do país nos setores de têxteis, metalurgia, química e indústria automobilística.

Em 1978 é aprovado o Ato de Reestruturação Financeira com o objetivo de reduzir o forte endividamento das grandes empresas através de uma maior aproximação com os bancos privados. Sua formulação original consistia na conversão das dívidas em ações através da formação de consórcios de instituições de crédito e fusão dos débitos. O consórcio foi realizado em 4 casos importantes: Pirelli, Montefibre, Turbi Italia e Società Italiana Resine. A outra modalidade, fusão de débitos com juros subsidiados, teve aplicação mais geral.

Embora os efeitos destas políticas não possam ser desconsiderados, há um consenso entre os economistas italianos de que seus impactos no processo de reestruturação industrial foram muito limitados e mesmo desprezíveis para o entendimento das inovações na área das pequenas e médias empresas.

2. Mercado de Trabalho e Distribuição na Economia Italiana

a) Evolução do Custo do Trabalho na Economia e na Indústria

Conforme salientado, diversos autores atribuíram ao crescimento do custo do trabalho um papel destacado na dinâmica econômica recente. A evolução do custo nominal dos salários (incluindo encargos) teve como ponto de inflexão o ano de 1978, como revela a tabela a seguir:

| Anos | custo monetário (w) | deflatores | | custo real | |
|-------|------------------------|------------|-------|------------|------|
| | | P(Y) | P(C) | w(Y) | w(C) |
| 70-74 | 16.12 | 15.19 | 11.13 | 80 | 4.49 |
| 74-78 | 19.84 | 19.03 | 16.66 | 68 | 2.73 |
| 78-82 | 19.90 | 20.62 | 17.87 | -6 | 1.72 |
| 82-85 | 12.69 | 13.33 | 11.88 | -57 | 72 |

FONTE: Banca d'Itália. P(Y) é o índice do produto e P(C) o índice de custo de vida elaborado pelo ISTAT.

Segundo o Banco d'Itália, o aumento do custo salarial acima dos preços até 1978, acelerou o processo inflacionário e, por não ter ocorrido transmissão completa dos custos aos preços, teria havido, no curto prazo, uma compressão das margens de lucro. Daí que... "Nel meio-lungo periodo molte imprese hanno messo in atto processi di innovazione, ristrutturazione e riorganizzazione volti ad accrescere la produttività..." (Banca d'Itália pg.

). A compressão dos lucros pelo salário constituiu 'amplo tema de discussão em toda a década de 70 sobretudo a partir dos trabalhos de Labini (1973, 75). Independentemente das críticas teóricas que se possa levantar contra esta tese, deve-se considerar que sua fundamentação empírica está longe de ser trivial e, parece indicar um movimento em outro sentido. Com efeito, ao longo de todo período as variações do índice de custo de vida que indicam o poder de compra dos salários, foram menores que as que se deram no índice de preços deflacionado pelo PIB, mais adequado para expressar o salário como um custo. O crescimento do custo real do trabalho entre 70 e 78 apesar de positivo não foi de forma alguma explosivo e manteve-se inferior ao crescimento da produtividade na indústria manufatureira. Quando se considera a relação de troca entre os setores ao longo dos anos 70, constata-se que em 1974 e 1978 o índice de preços da indústria de transformação foi superior ao conjunto da economia. Esta valorização dos preços industriais em relação ao índice de preços do produto só se desfaz ao longo dos 80. Contudo, nestes anos, os salários caem em relação a este índice de preços. É importante destacar, que a desvalorização relativa dos custos do trabalho não resultou numa desvalorização do poder de compra real dos salários. Este

fato, fundamental, deve ser considerado no quadro mais geral do conflito distributivo a ser examinado.

A questão realmente significativa implícita nas discussões sobre a "compreensão de lucros" diz respeito à reorganização da estrutura de custos, sobretudo na indústria manufatureira, de forma a torná-la competitiva com as demais economias européias. Neste sentido, deve-se considerar que o problema de fundo é o elevado patamar em torno do qual oscilam os salários na economia italiana. Um bom indicador global para comparações internacionais é a "quota do trabalho assalariado" (ver Faustini 88) que relaciona o salário médio com o produto por ocupado. A tabela abaixo apresenta a evolução desta quota para os 6 principais países.

Quota do Trabalho Assalariado
(W/Y)

| Países | 1970 | 1974 | 1978 | 1983 | Variação 70-83 |
|------------|-------|-------|-------|-------|-------------------|
| Itália | 70.61 | 74.29 | 78.09 | 79.18 | 8.57 |
| Alemanha | 63.83 | 67.01 | 64.66 | 62.85 | -0.98 |
| França | 61.44 | 63.12 | 65.55 | 65.76 | 4.32 |
| G.Bretanha | 64.65 | 70.19 | 64.30 | 62.67 | -1.98 |
| EUA | 67.79 | 67.61 | 66.18 | 67.28 | -0.51 |
| Japão | 67.06 | 75.50 | 83.32 | 79.97 | 12.91 |

FONTE: Faustini, pg

Os dados da tabela indicam, com efeito um crescimento da quota do trabalho assalariado quando se considera a economia como um todo. Contudo, este dado deve ser considerado com cuidado. Como o produto por ocupado nas atividades não assalariadas na Itália é substancialmente mais baixo que o registrado nas demais economias (trata-se de uma economia muito mais heterogênea), a quota do trabalho assalariado é naturalmente maior. Quando se considera apenas a indústria de transformação, o quadro é diferente. Com efeito W/Y era 76,1 em 1970, passa para 77,0 em 1978 e cai rapidamente nos anos 80, chegando a 71,0 em 1984. Deste modo, diferentemente do conjunto da economia em que a quota do trabalho sobe, a indústria vê reduzir-se esta relação. Com efeito, no período 70-84 o produto por ocupado cresce a uma taxa de 18,01% aa e o custo de trabalho sob 17,64% aa.

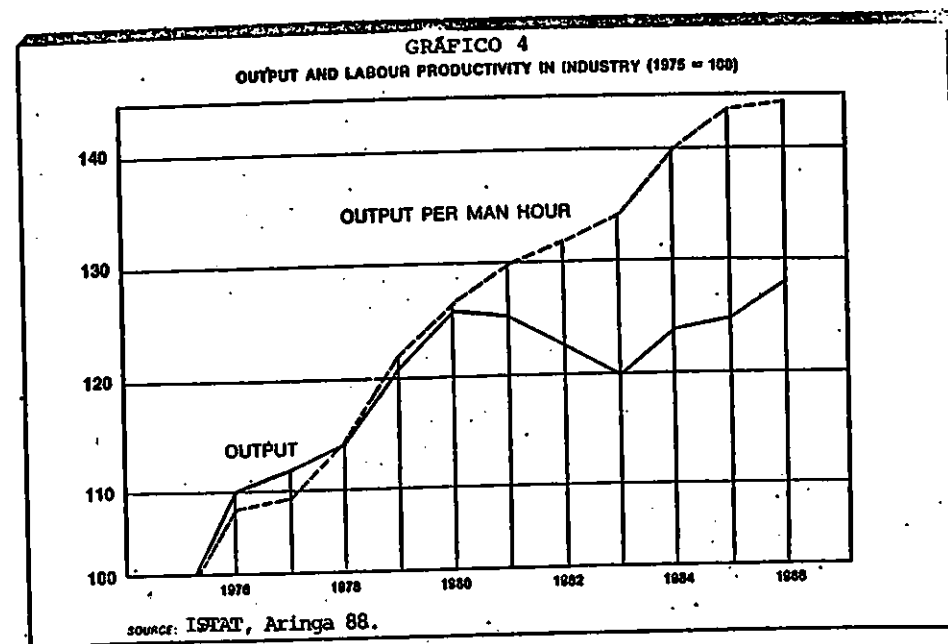
Para um entendimento menos superficial da questão distributiva é necessário, contudo um exame, das mudanças operadas no mercado de trabalho, desenvolvida a seguir.

b) Evolução e Mudança na Estrutura do Emprego

O impacto imediato da crise econômica e do processo de reestruturação industrial foi o desemprego ao longo dos anos 80 de 600.000 pessoas na indústria de transformação. Este movimento, perseguido estrategicamente no esforço de recuperação da produtividade e competitividade industrial (ver gráfico 4) contribuiu para o fenômeno já em curso de alteração da estrutura ocupacional. Com efeito, a estrutura ocupacional italiana modifica-se profundamente entre 70 e 84 com a redução da participação da agricultura (de 18,2% da PEA para 11,5%) da indústria de transformação (de 27,7% da PEA para 24,3%) e aumento substancial dos serviços mercantis (de 28,8% para 37,2%) e não mercantis (de 14,3% para 18,3% da PEA).

O relativo decréscimo do emprego industrial e crescimento do setor serviços deu fôlego a ampla discussão em torno da "terciarização" como um fenômeno típico das sociedades pós-industriais. Contudo como atestam diversos trabalhos (ver Momigliano e Scalco 87) o crescimento do setor serviços foi em grande parte induzido pelo processo de industrialização. Com efeito, a partir dos dados da matriz insumo-produto é possível verificar que o crescimento dos "producer services" foi mais acentuado que os "consumer services". De todo modo, a terciarização, altera a estrutura ocupacional e se associa amplamente a feminilização da força de trabalho ocorrida nos últimos anos. O gráfico 5 correlaciona o crescimento dos serviços com a feminilização da força de trabalho. O gráfico 6 apresenta a evolução da estrutura do emprego.

O desemprego na economia italiana aumentou fortemente no período de crise. Com efeito em 1977 o desemprego aberto era 7,2%, em 1982, 9,1% e em 1985, 10,6%. Contudo, a evolução da taxa de emprego não dá conta da questão mais ampla do desemprego estrutural na Itália. Um dos fenômenos mais significativos é a redução da taxa de atividade entre os homens, compensado até o momento pelo crescimento desta entre as mulheres. (Este movimento é descrito no gráfico 7).



Quando se considera a composição do desemprego, ressalta-se a importância do desemprego entre os jovens, ie, da procura do 1º trabalho, responsável em 1985 por 50,6% do desemprego aberto. (Ver gráfico 8).

Outra alteração significativa no mercado de trabalho pode ser constatada no processo de assalariamento da mão-de-obra. O movimento mais importante é o decréscimo do trabalho assalariado em relação ao total do emprego. Este decréscimo é explicado exclusivamente pela redução dos "blue collars" que passam de 48,7% em 1977 para 41,0% em 1985. Os "white collars" e os executivos sobem de 28,4% para 29,4% e o auto-emprego evolue de 28,4% para 29,4% no mesmo período.

A sorte dos desempregados na sociedade italiana fica às expensas da Cassa di Integrazione Guadagni (CIG). A CIG opera como um seguro desemprego com a diferença de que os trabalhadores não são demitidos mas permanecem ligados às empresas. Os trabalhadores colocados "à disposição" resultam de um desemprego temporário (CIG ordinária) ou do desemprego oriundo de um processo de reestruturação industrial (CIG extraordinária). Até recentemente apenas os "blue collars" poderiam ser declarados redundantes. Mais recentemente, com o prosseguir da recessão, também os "white collars" podem ser declarados redundantes. A evolução dos gastos da CIG podem ser considerados na tabela abaixo:

| Anos | Gastos da CIG (bilhões de liras) |
|------|----------------------------------|
| 1980 | 945 |
| 1981 | 1824 |
| 1982 | 1724 |
| 1983 | 3451 |
| 1984 | 3917 |
| 1985 | 3931 |

FONTE: CER-RS

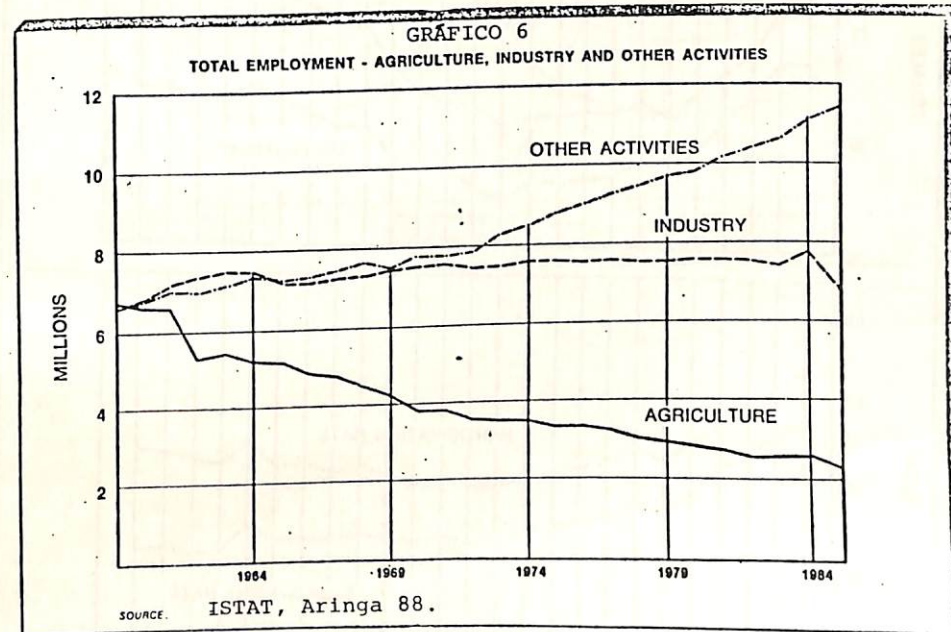
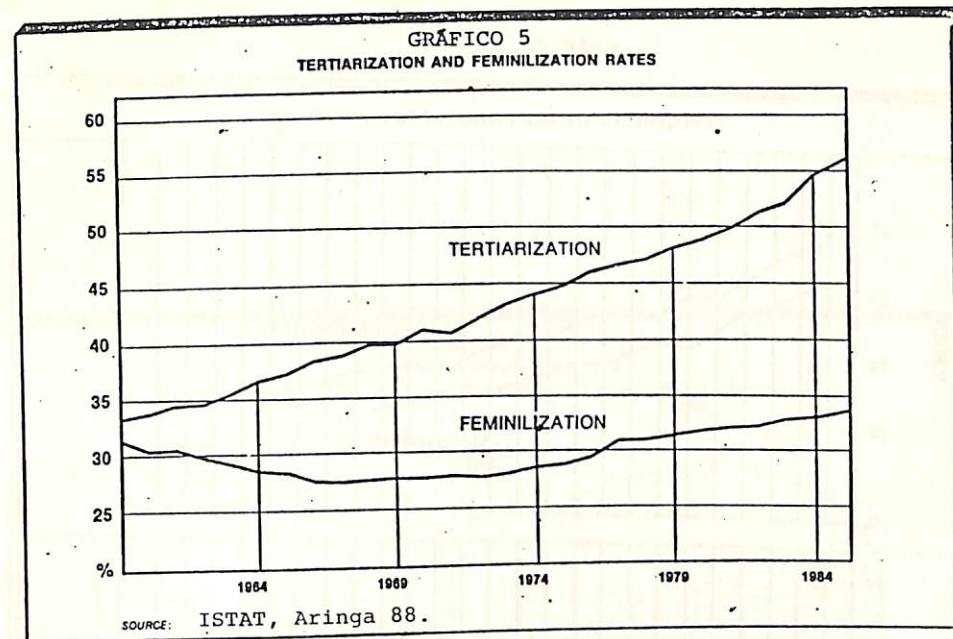
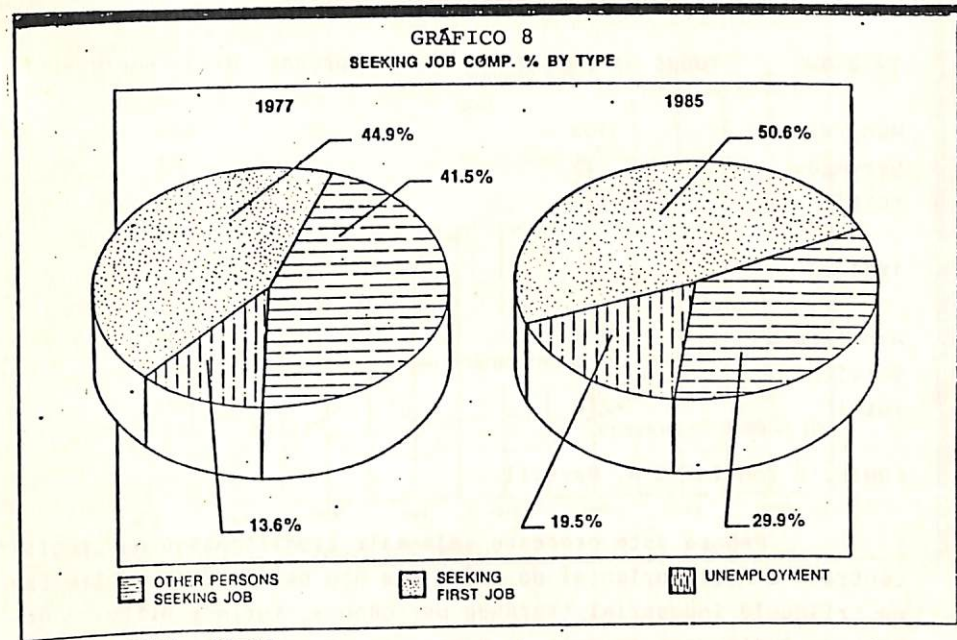
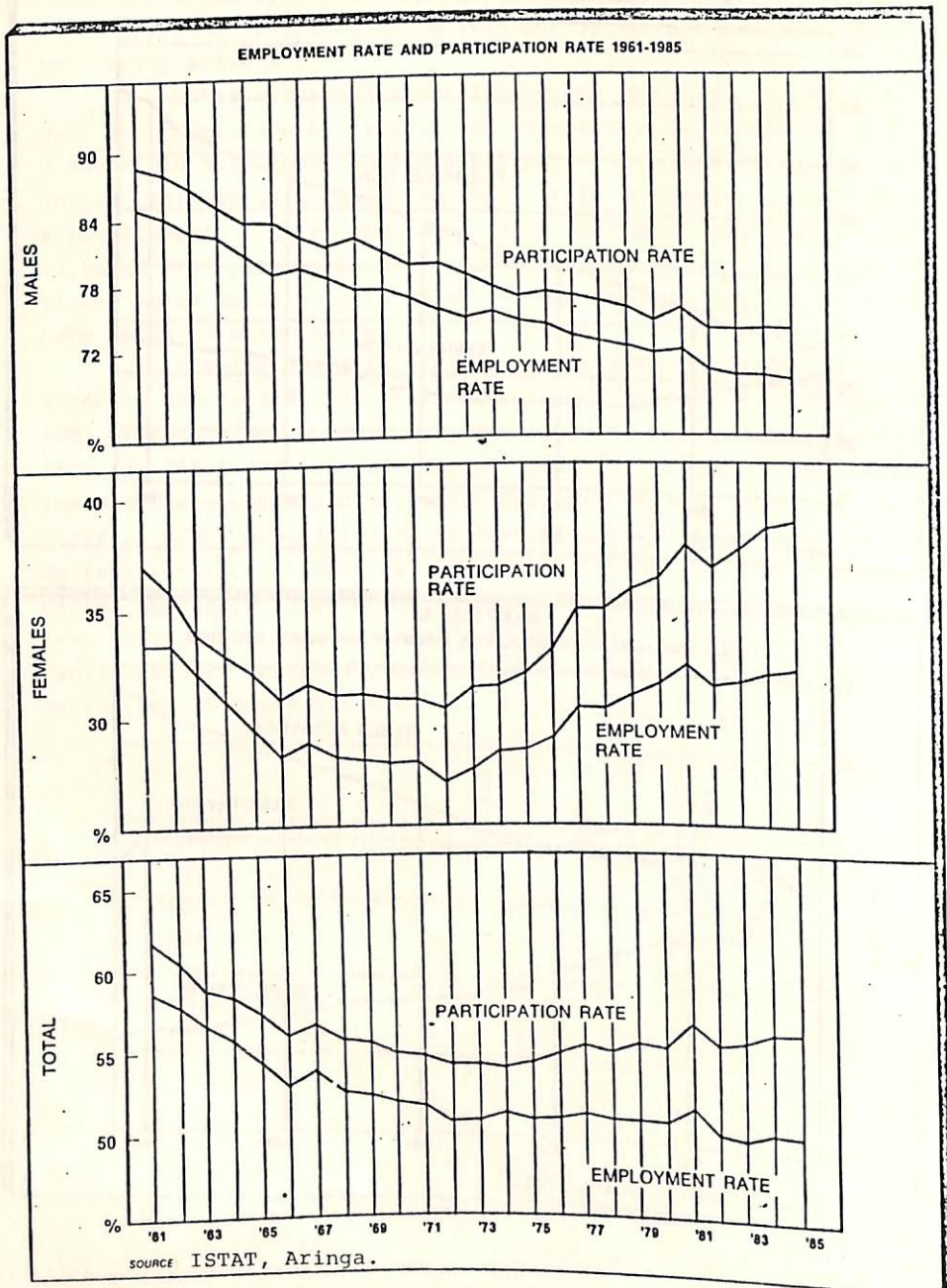


GRÁFICO 7



FONTE: ISTAT.

O gráfico 9 apresenta a evolução do número de trabalhadores registrados na CIG.

Um dos aspectos mais significativos das mudanças na estrutura do emprego é a maior importância das pequenas e médias empresas e a redução da ocupação nas grandes empresas. A tabela abaixo apresenta este movimento:

MUDANÇA LÍQUIDA NO EMPREGO
Média Anual (1000 pessoas)

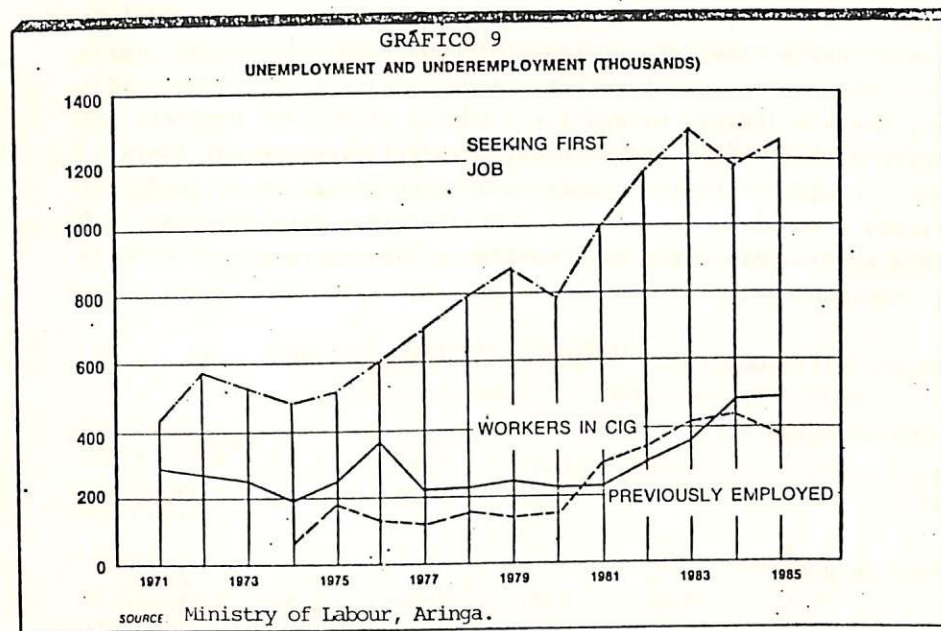
| 1978-80 | Todas as Empresas | Empresas 0-19 empregados |
|------------|-------------------|--------------------------|
| Manufatura | 105 | 222 |
| Serviços | 29 | 97 |
| Total | 135 | 319 |
| 1981-83 | | |
| Manufatura | -213 | 49 |
| Serviços | 3 | 53 |
| Total | -210 | 102 |

FONTE: B.Contini e R. Revelli

Embora este processo seja mais significativo na região central e norte oriental do país, ele não deixa de se manifestar no triângulo industrial (formado por Gênova, Turim e Milão). Assim, em Turim, por exemplo, o número de ocupados em estabelecimentos que ocupavam de 1 a 9 pessoas passou de 9,5% para 12,3%. Em estabelecimentos de 10.99, evoluiu de 18,2 para 22,2%. O número de postos de trabalho criados em estabelecimentos maiores diminuiu significativamente.

c) Salários e Conflito Distributivo

Nos itens anteriores foram examinados a redução do custo do trabalho e do emprego a partir de 1978. É preciso agora examinar a evolução dos salários em relação ao custo de vida e os impactos distributivos do ajuste.



Considerou-se anteriormente a evolução da "quota do trabalho assalariado" que comparava o salário médio com o produto por ocupado. É interessante verificar agora o confronto entre o salário médio e o produto per capita, internacionalmente consagrado como indicador distributivo. A "quota distributiva" relevante é a que considera a renda do trabalho assalariado, sem os encargos e o produto per capita. Um outro indicador relevante é o que põe em confronto o salário médio e o consumo per capita. Trata-se neste caso, de considerar o poder aquisitivo dos salários. Como o consumo tem como unidade relevante a unidade familiar, deve-se incluir na análise o número médio de pessoas por família e considerar, desta forma, o salário consumo por família. Estas relações permitem obter uma visão global da evolução dos salários e do nível de vida dos trabalhadores assalariados. A tabela abaixo, elaborada por Faustini (1988) apresenta os principais indicadores.

| Relações Distributivas | 1970 | 1975 | 80 | 82 | 85 |
|--------------------------|------|------|------|------|------|
| "quota distributiva" | | | | | |
| r/q | 1.4 | 1.59 | 1.52 | 1.57 | 1.53 |
| w/q | 1.95 | 2.22 | 2.66 | 2.13 | 2.12 |
| "quota de consumo" | | | | | |
| r/c | 2.21 | 2.44 | 2.43 | 2.46 | 2.42 |
| Pessoas por famílias (f) | 2.75 | 2.79 | 2.73 | 2.73 | 2.73 |
| "nível de vida" (v) | .81 | .88 | .89 | .90 | .89 |

Onde r/q é a renda média do trabalho assalariado sobre o produto per capita, w é o custo do trabalho ié, a renda acrescida dos encargos, c é o consumo nominal per capita, f o número de pessoas por famílias e $v=r/c/f$.

Como se pode perceber, 1975 é o ano em que a quota distributiva dos assalariados é maior, sofrendo importante queda em 1980 e recuperação em 1982 (ano de forte crise e queda do produto per capita) e novamente queda em 1985 (período de recuperação econômica e de crescimento da produtividade acima do salário médio real). O comportamento da "quota de consumo" é contudo distinta: depois de um forte aumento entre 1970 e 75, ela se estabiliza em patamares elevados sofrendo pouca variação nos anos 80. O mesmo ocorre com o nível de vida que não só não se reduz mas melhora entre 1975 e 1980 em função da redução do tamanho médio das famílias.

Como considerado anteriormente, a despeito da crise e do desemprego, a renda real do trabalho assalariado não foi substancialmente afetada.

A tabela abaixo apresenta informações adicionais sobre a evolução e composição da renda média familiar.

| | RENDA MÉDIA FAMILIAR (1980-1984) | | 1984 | |
|-------------------------------|----------------------------------|-------------|-----------|-------------|
| | 1980 | | | |
| | %famílias | renda média | %famílias | renda média |
| Renda Média anual(1000 liras) | | 11.31 | | 19692 |
| Empregados Por família | | | | |
| -nenhum | 22.3 | 55.25 | 26.3 | 57.40 |
| -1 ocupado | 44.4 | 97.67 | 42.2 | 97.68 |
| -2 ocupados | 26.5 | 127.15 | 25.7 | 133.03 |
| -3 ou mais | 6.8 | 154.93 | 5.8 | 164.05 |
| Renda do Chefe de Família | | | | |
| -salários | 66.4 | 113.26 | 62.8 | 115.66 |
| -pensão | 30.8 | 71.79 | 33.6 | 71.79 |
| -outros | 2.8 | 94.06 | 3.6 | 90.37 |
| Situação do Domicílio | | | | |
| -aluguel | 39.3 | 92.15 | 34.2 | 89.58 |
| -próprio | 56.6 | 106.15 | 61.3 | 106.95 |
| -outro | 4.1 | 89.82 | 4.5 | 84.98 |

FONTE: ISTAT

A relativa estabilidade da estrutura dos rendimentos e do consumo foi compatível, inclusive, com o aumento de aquisições de domicílios e redução, em consequência, dos gastos em aluguel, reconhecidamente elevados na Itália dos anos 80.

Conforme observado em outra parte, a queda na evolução dos salários nominais, foi acompanhada de redução no índice do custo de vida, deixando os salários reais constantes. Como a produtividade no conjunto de economia e na manufatura em particular teve acréscimos maiores que o custo do trabalho, o custo do ajuste não se deu às expensas do rendimento real dos assalariados. A estratégia industrial de redução de custos e aumento da competitividade vis a vis o mercado europeu não teve, portanto impactos distributivos significativos em relação ao conflito entre salários e lucros. O conflito distributivo importante deu-se em relação aos diferentes blocos de capital, em particular entre os interesses industriais e aqueles representados pelas atividades mercantis, de distribuição e comercialização de produtos para o mercado interno, da renda urbana, etc.

Depreende-se da experiência italiana um outro aspecto, extremamente atual nas discussões sobre a crise e o processo inflacionário brasileiro na presente década. A inserção internacional da economia italiana, amplamente sincronizada com a economia européia, impediu, nos anos de crise, uma estratégia oligopolista "clássica" baseada no repasse pleno dos aumentos de custos industriais aos preços finais. Com efeito esta estratégia resulta do crescimento, na recessão, dos custos indiretos e dos componentes especulativos, que pressionam os "mark-ups" para cima. Esta prática amplamente verificada na economia brasileira, não se configurou na economia italiana (bem como em diversos países europeus) por conta do acirramento da concorrência em mercados abertos. O nível médio das margens imputadas aos custos diretos caiu seguidamente entre 1974 e 1984 na indústria de transformação forçando uma resposta "criativa" às pressões dos custos. Tal resposta, como observado anteriormente, não passou por uma desvalorização real da renda dos assalariados.

Contudo, é necessário reconstruir, de forma breve, o conflito distributivo conforme percebido pelos sindicatos, empresários e Governo.

A principal discussão sobre a questão salarial e dis-

tributiva ocorrida na década de 80 deu-se em torno da indexação e do padrão salarial. Vejamos em um quadro sumário os principais movimentos.

Conforme salientado, o mecanismo básico de indexação salarial esteve baseado na "scala mobile" que de acordo com as negociações entre as 3 sindicais e a CONFINDUSTRIA estendeu, desde 75, o nível médio da indexação estabelecendo um "ponto único" em valor absoluto para cada aumento percentual da inflação. Esta decisão eleva a indexação a seu ponto máximo em 1978 (ver gráfico 10), diminuindo a conflitualidade do trabalho (Gráfico 11).

Entre os economistas, as principais críticas ao mecanismo da indexação baseavam-se nas pressões inflacionárias e na rigidez salarial num momento marcado por forte choques nos preços das matérias-primas. Por outro lado, criticava-se o forte "igualitarismo" salarial gerado pelo aumento unificado dos salários independente do nível de qualificação e salários relativos dos trabalhadores. Com a elevação da inflação, as diferenças iniciais de salários tornavam-se progressivamente menos significativas. Com efeito, as diferenças salariais por qualificação e por setor industrial caem ao longo dos anos 70 até 1982. É importante considerar que já no início dos 70, devido as amplas conquistas trabalhistas obtidas no "outono quente" de 1969, o diferencial de salários na indústria e economia italianas era relativamente pequeno em termos internacionais. (Ver Gráfico 12).

Segundo diversos analistas (ver Aringa, 88) o movimento de nivelção salarial não encontrou fortes resistências por parte das empresas na medida em que enfraquecia a luta sindical fábrica a fábrica, diminuindo relativamente os salários mais altos (Este ponto também é enfatizado por Pivetti, 82).

A partir de 1978, as condições de barganha salarial começam a se alterar e os sindicatos passam a adotar um comportamento mais político, pressionando fortemente a nível parlamentar a expansão da CIG. Por outro lado, o agravamento da crise vai aos poucos dividindo o movimento sindical em relação às necessidades da política econômica (um momento importante foi constituído pelas discussões sindicais sobre o pacote econômico antinflacionário de Spadolini em 1981).

Sob a pressão da CONFINDUSTRIA - que ameaçava repudiar o acordo sobre a escala móvel obtida em 1975 - e do Governo, os

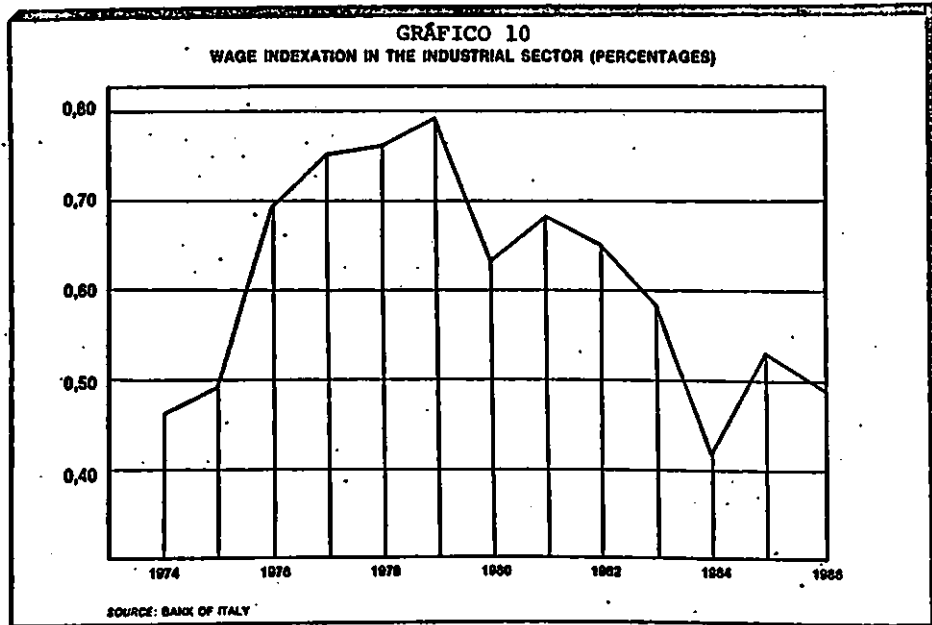


GRÁFICO 11

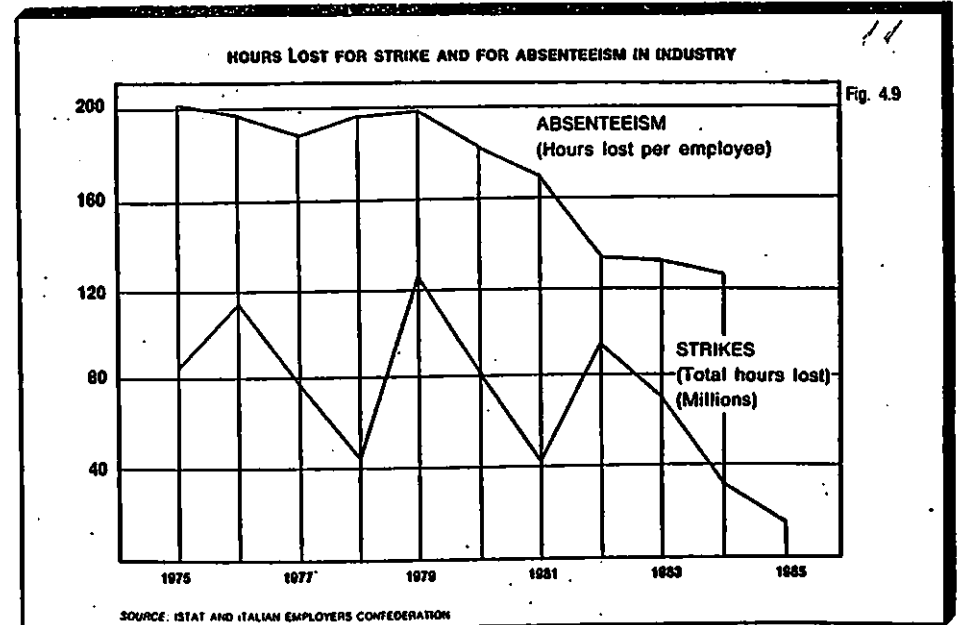
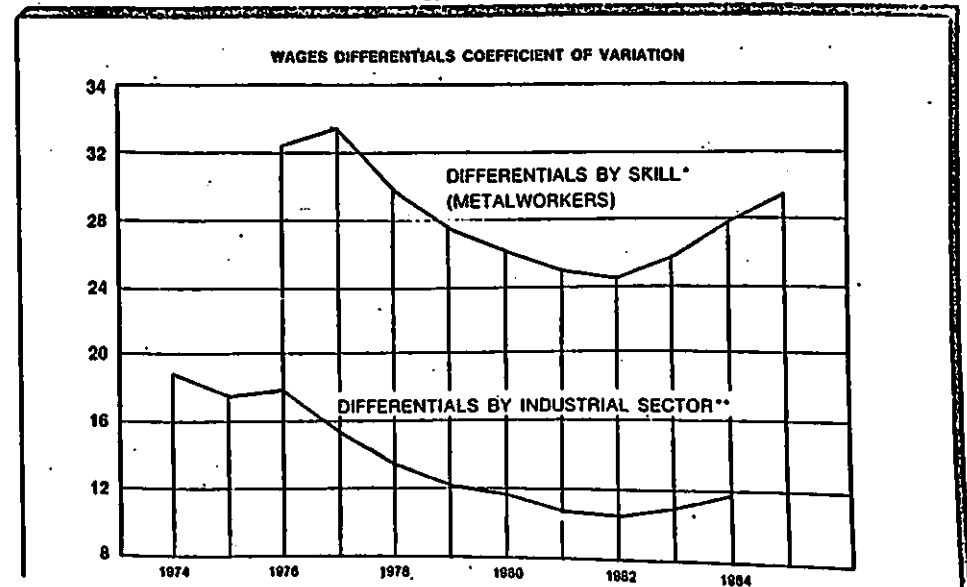


GRÁFICO 12



sindicatos aceitam, de forma diferenciada entre as centrais sindicais segundo suas filiações partidárias, as premissas da "nova realidade". Já em 1978, ocorre importante conferência da CGIL, CISL e UIL em Roma reconhecendo entre outros aspectos, que o crescimento econômico passava por uma restrição salarial. Como em S. Bruno "...defending the level of employment became the top priority for the unions, while their search for better conditions of work and pay..., became in some way secondary if not obsolete" (S. Bruno, 88, pg. 176).

A CISL, vinculada a democracia-cristã, passa a defender o plano de Tarantelli que previa uma redução da inflação a taxas predeterminadas ano a ano, diminuindo o "punto unificado" concedido anualmente. Em compensação, a central sindical defendia a redução da jornada de trabalho visando aumentar a taxa de emprego. A CGIL - filiada majoritariamente ao PCI - é fortemente crítica desta linha por atribuir explicitamente aos sindicatos um papel inflacionário. Contudo, progressivamente, começa a aceitar a plausibilidade da proposição.

Em 1983, com a oposição do PCI, mas não da CGIL, é estabelecido importante acordo entre o Governo (que interfere de forma ativa para as tradições italianas de regulação salarial) os sindicatos e os empresários. De acordo com Aringa (88) os aspectos mais importantes do acordo foram os seguintes:

- estabelecimento de um teto de aumento dos preços ao consumidor: 13% em 1983, 10% em 84;
- combate ao desemprego com medidas legislativas e administrativas;
- redução da jornada de trabalho de 40 para 39 horas semanais;
- redução da cobertura da indexação da escala móvel.

Em 1984 é proposta pelo Governo uma reprogramação da escala móvel. Depois de longa negociação a proposição é rejeitada pelo CGIL, formalizando uma ruptura na unidade sindical. (Esta ruptura não foi, na verdade apenas sindical, mas do posicionamento do PCI em relação ao Governo).

Com o Governo, a COFININDUSTRIA e o CISL pressionando no sentido da reformulação da indexação salarial, o PCI propõe um referendun popular ao projeto de reforma do governo. O resultado da votação de junho de 85 foi favorável ao projeto (54%). Tal reforma reduzia o "punto unificado" indexado às variações do custo de vida. Em 1986, o sistema de indexação passa a ser proporcional: 100% sobre 586.000 libras/mês e 25% ao excedente desta quantia até o mínimo contratual por indústria e semestralidade dos reajustes.

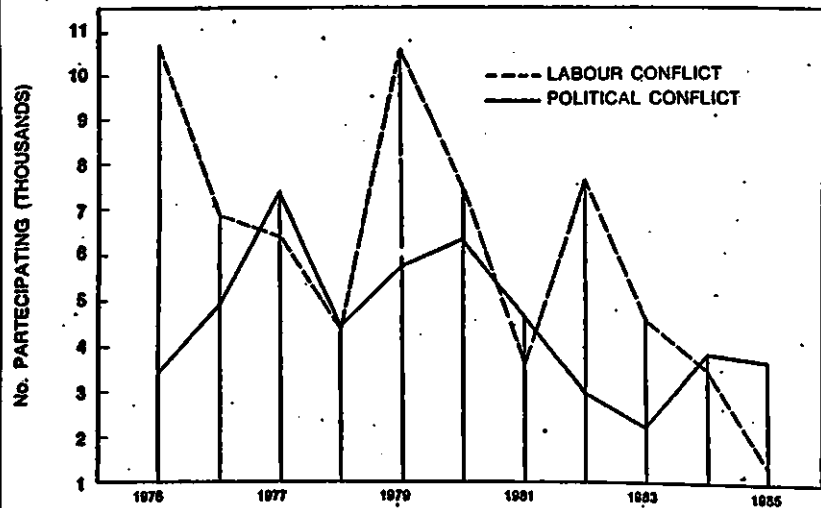
Os impactos desta mudança sobre o salário médio real parecem ser, até o momento, insignificantes, em função da recuperação econômica e da queda da inflação. É importante considerar as negociações sobre a escala móvel ocorreram em um quadro de redução dos conflitos trabalhistas (ver gráfico 13) é do poder sindical. Com efeito, segundo dados de CESOS (88) o número de trabalhadores filiados à três centrais sindicais vem caindo desde 1987, com um declínio maior em 1985.

Quando se consideram os resultados práticos do ajuste do início dos 80 sobre o nível de renda dos assalariados, pode-se compreender melhor as razões da perda de influência dos sindicatos e, em especial do PCI. Ao contrário de outras experiências nacionais, a recessão do início dos 80 não significou na Itália um "arrocho" salarial com efeitos distributivos contra os salários (como o que ocorreu no auge do crescimento italiano do final dos 50). A redução dos custos industriais deu-se por ajuste estrutural num quadro de forte competitividade. A redução do custo de vida a uma taxa superior à do índice de preços industriais, fez com que os salários caíssem como custo e se mantivessem estáveis como renda.

Por outro lado, o aumento do desemprego industrial nas grandes empresas e o crescimento de novas oportunidades de ocupação na pequena empresa e no trabalho autônomo enfraqueceram o movimento sindical.

É possível considerar, talvez, que as novas demandas por bem-estar não passem mais, exclusivamente pelos salários mas pelas respostas dadas às necessidades coletivas de habitação, transporte, saúde, etc. que possam atender as "demandas de segurança" (Arrow, 1974). A despeito deste deslocamento do privado ao público, percorre-se também na Itália um caminho diferente em que a grande empresa e o Governo não jogam um papel essencial. É objetivo do próximo item examinar esta última questão.

GRÁFICO 13
LABOR CONFLICT WORKERS PARTICIPATING



SOURCE: ISTAT

3. Industrialização Difusa e Desenvolvimento Econômico

As implicações teóricas estimuladas pela emergência de um novo polo de desenvolvimento na Itália foram abordadas com grande inventividade por Bagnasco (88). Suas reflexões constituem uma visão alternativa às análises mais "clássicas" sobre o papel da pequena e média empresa na economia italiana. Uma abordagem anterior, muito rica mas convencional, foi desenvolvida por Paci (1975). Em seu estudo da industrialização italiana no pós-guerra, a pequena e média empresa esteve associada a diversas realidades, assumindo diferentes papéis como mostra a seguinte tipologia:

- nas regiões mais atrasadas (no SUL) e principalmente nos anos 50 e 60, a pequena empresa poderia ser descrita como "empresa esponja". Operando a níveis ínfimos de produtividade. A sobrevivência destas empresas dependia de sua inserção à margem da concorrência com as empresas capitalistas mais modernas;
- um tipo diferente de pequena seria a "empresa reservatório". Em relação ao primeiro tipo de empresa a diferença básica é o seu caráter temporário, cedendo nos auge cíclicos trabalhadores para as empresas mais dinâmicas;
- um terceiro tipo de pequena empresa seria formado pelas "empresas amortecedoras", criadas e destruídas de acordo com o ciclo econômico;
- uma situação diferente é representada pela "empresa pulmão" que, ao contrário da anterior, possui um comportamento pró-cíclico, desenvolvendo-se nos períodos expansivos e retraíndo-se na recessão;
- por fim, existiria um outro tipo de pequena e média empresa, que Paci atribui uma importância maior na Itália dos 70. Trata-se da "empresa engrenagem" que decorre do desdobramento da grande empresa a partir do recrudescimento do conflito distributivo e das relações do trabalho. A descentralização industrial seria entendida dentro de um "ciclo político".

O estudo de Bagnasco sobre o desenvolvimento recente nas regiões do centro e do norte oriental da Itália (Emilia Romagna, Veneto, Trentino Alto Adige, Friuli Venezia Giulia, Toscana, Marche e Umbria) procura, ao contrário da análise anterior, entender o desenvolvimento da pequena empresa moderna como um desenvolvimento "...paralelo que não parece tender a concentração." (Pg. 31) nem corresponder a uma "astúcia do capital".

Não é fortuito que a área de emergência da "nova" pequena e média empresa foi a região original do primeiro capitalismo italiano, da Idade Média e do Renascimento. Para Bagnasco, nesta região, teria ocorrido uma "continuidade histórica na estrutura social" em que a tradição artesanal do "campo urbanizado" não foi destruído pelo taylorismo. As relações históricas desta região com o mercado internacional, a existência de uma tradição financeira e de uma infraestrutura urbana moderna vão possibilitar no período de crise da grande empresa (e da produção "standartizada" de massa) a emergência de uma nova realidade.

Na base do desenvolvimento desta região, é necessário considerar o papel essencial desenvolvido pela unidade familiar na construção de uma malha de relações não mercantis, de reciprocidade. Aqui, o mercado e a grande indústria não desmanchou - para usar uma alegoria de Marx - todas as relações sociais pretéritas.

"Dal lavoratore non completamente proletarizado perché dotato di risorse familiari, all'impresa artigiana, alla piccola e poi alla media impresa industriale esiste un continuum sociale e culturale che rende sfumati i rapporti" (idem pg. 54).

Estas relações de reciprocidade e organização do tecido social são substancialmente distintas das regulações modernas e hoje em crise: a da grande empresa e a do Estado de Bem-Estar.

A emergência desta nova realidade na Itália prende-se, naturalmente à crise do paradigma técnico econômico, hegemônico desde o pós-guerra. A explosão dos preços das matérias-primas, a crise da "demanda standartizada", a introdução de técnicas flexíveis, etc., vão possibilitar a abertura de espaços inexistentes nas décadas anteriores.

O argumento de que esta realidade corresponde a uma estratégia do grande capital de barateamento dos custos do trabalho não encontra apoio: no início (década de 70) os salários nas áreas das pequenas e médias empresas eram mais baixos, posteriormente foram sendo progressivamente nivelados. O mesmo ocorreu com a politização nas relações de trabalho. É preciso considerar, por outro lado, que o desenvolvimento destas empresas desfaz a conexão clássica que associava a produtividade às escalas.

O crescimento da produtividade na área das pequenas empresas passa contudo pela formação de um "sistema de empresas" que articula uma vasta malha de relações intra-empresas, aprofundando a divisão de trabalho, criando relações estáveis de fornecedores e mercados finais. Como sugere Bagnasco é esta malha de interrelações (um distrito industrial marshalliano) que faz a pequena empresa ser grande.

"Nel distretto dei tessili di Prato per assempio, la-
rayano nella seconda metà degli anni Settanta circa 50.000 persone, che producevano il 50% del tessuto cardato della CEE e altri prodotti, con una dimensione media d'impresa del settore in complesso di 5 persone". (idem pg. 47) Mas não só no setor têxtil, na mecânica, eletrônica, etc.

Especialização, internacionalização dos mercados de venda com a criação de "clientes personalizados", formação de redes de subfornecedores e apoio de uma infraestrutura sofisticada de serviços, estão na raiz do sucesso econômico das pequenas empresas.

Não deixa de ser sugestivo confrontar esta situação com a realidade recente brasileira: aqui, a debilidade do tecido industrial (que supõe entre outros aspectos estabilidade das relações de compra e venda intra empresas), o alto risco que um ambiente macroeconômico instável e cronicamente inflacionário exercem sobre os investimentos e, por fim, os baixos salários, levam a conglomeração e integração das plantas por razões não exclusivamente técnicas mas que decorrem deste ambiente. Tamanho, escalas e eficiência caminham juntos porque, entre outros aspectos, a pequena empresa (que não decorra de uma extensão das grandes, a "empresa engrenagem" de Paci) está fadada, tendencialmente, a ser ineficiente.

Bagnasco, é extremamente cético quanto a possibilidade

de generalização deste padrão de desenvolvimento para o restante da Itália. Pelas razões descritas, este é incompatível com as condições econômicas e sociais de uma região, como, por exemplo, a Calábria. Ou mesmo no triângulo industrial do norte (Gênova, Milão, Turim).

Do ponto de vista social, a região estudada caracteriza-se por uma elevada renda per capita e sofisticados serviços urbanos. As administrações municipais se integram ao ambiente urbano a partir da extensão das relações comunitárias, fortemente marcadas por uma cultura católica e comunista que conferem um forte sentido de identidade coletiva.

É interessante considerar a expressão utilizada por Bagnasco para descrever o quadro de regulação social nesta região: construção social do mercado. A idéia essencial é a afirmação do mercado e não de mercados controlados pelas grandes empresas ou das regulações políticas do Estado, como instância reguladora essencial da divisão do trabalho e alocação de recursos. Mas, atenção, tal autonomia do mercado não se confunde, nem remotamente, com o liberalismo individualista clássico. Este baseia-se na fragmentação do tecido social, no isolamento do indivíduo como trabalhador ou consumidor. A "construção social do mercado", parte, ao revés de uma situação complexa e estruturada, com a presença de organizações e instituições que agregam interesses e identidade. Nesta região, os conflitos clássicos perdem consistência política. Assim, nas áreas "vermelhas" (por exemplo Valdesa) onde 85% dos operários votam PCI, apenas 11% revelaram-se favoráveis à coletivização dos meios de produção. A maioria da população é formada por artesãos, pequenos empresários, empregados públicos e profissionais liberais. Nas áreas "brancas" (Bassano por exemplo) este percentual cai para 3%. (Ver Bagnasco, pg. 65).

A síntese destas transformações é elaborada com grande inventividade:

"La società descritta non è una società tradizionale sopravvissuta in una specie di riserva naturale, e sta diventando una società complessa; e il suo modo di essere complessa che è particolare, come sono particolari le soluzioni istituzionali alle dinamiche degli interessi". (idem, pg. 71).

Como sugerem as referências acima, a importância da "industrialização difusa" transcende o campo do desenvolvimento regional. Esta realidade pode ser lida de diferentes ângulos e prismas. Poder-se-ia, por exemplo, examinar esta experiência como um "vivre autrement" neste capitalismo final de século. Neste sentido, a construção social do mercado seria uma aproximação, localizada e periférica, mas nem por isto insignificante de uma utopia social possível. Afinal, incorpora diversas dimensões que são alternativas tanto a um capitalismo selvagem quanto a um capitalismo organizado de Estado ou mesmo a um socialismo burocratizado. Sua superioridade face a outras utopias sociais é que ela se desenvolve a partir de uma cultura política e uma criatividade institucional já existente. Nesta época minimalista, de refluxo das ideologias e dos projetos totalizantes, ela evita a contradição clássica - e terrível - dramatizada pelos gregos:

"Se não posso dobrar os poderes superiores,
moverei o inferno" (Virgílio)*

Nesta utopia nem os "poderes superiores" são enfrentados nem o inferno é removido. Não haveria aqui uma ponte com a visão especular de Keynes e Mill sobre uma sociedade da pós-escassez?

Mas encaremos esta experiência de outro ângulo, menos especulativo. O que esta realidade parece revelar é a emergência de uma ampla diferenciação nos contornos classicamente atribuídos aos grandes sistemas econômicos. Um período de crise revela sempre um processo de heterogeneização das estruturas, e a aparição de realidades econômicas e sociais novas. É inevitável fazer aqui uma crítica aos economistas. Não aos economistas neo-clássicos pois estes, acostumados a pensar sem história e sem instituições, afastam do seu campo de investigação o reconheci-

(* Este pensamento aparece no Eneida de Virgílio, e serviu para introduções de pensamentos radicais e díspares como os de Freud e F. Lassale (ver Schorshe, Carl, 1988, cap. IV).

Nesta utopia nem os "poderes superiores" são enfrentados nem o inferno é removido. Não haveria aqui uma ponte com a visão especular de Keynes e Mill sobre uma sociedade da pós-escassez?

Mas encaremos esta experiência de outro ângulo, menos especulativo. O que esta realidade parece revelar é a emergência de uma ampla diferenciação nos contornos classicamente atribuídos aos grandes sistemas econômicos. Um período de crise revela sempre um processo de heterogeneização das estruturas, e a aparição de realidades econômicas e sociais novas. É inevitável fazer aqui uma crítica aos economistas neo-clássicos pois estes, acostumados a pensar sem história e sem instituições, afastam do seu campo de investigação o reconhecimento de fatos novos. Estes, portanto, não podem desafiar seus paradigmas, eternamente universais. Mas mesmo os economistas não neo-clássicos encontram-se muitas vezes presos a um esquema teórico que, estabelecendo um único princípio estruturante da sociedade - a lógica do capital articulada com a lógica do poder, os "poderes superiores" que falavam os gregos - deixam de perceber a emergência de situações que não se enquadram naquele princípio.

Penso, neste sentido, que o conflito distributivo entre salários e lucros não só não explica a emergência de uma área de "industrialização difusa" - não redutível, portanto, a uma astúcia do capital - como tampouco esta, resultou de uma política de Estado.

Os "poderes superiores" explicam muito pouco. Talvez aqui se aplique a visão do "inferno" do Eneida, só que este está em remover idéias estruturadas, numa época de grandes mudanças e incertezas.

BIBLIOGRAFIA:

- FOA, V. Sindacati e lotte operaie, 1943-73, Torino, Loescher, 1975
- Graziani, A. - L'economia italiana dal 1945 a Oggi, Introduzione. Il Mulino 1972.
- Schorske, Carl - Viena Fin-de-Siecle Política e Cultura Companhia das Letras, 1988
- Pasinetti, Luigi - Mutamenti Strutturali del Sistema Produtivo Integrazione tra Industria e Settore Terziario. Il Mulino 1986
- Labini, Paolo Sylos - Sindacati, Inflazione e Produttività Laterza, 1977
- Milana, Carlo - Ristrutturazione e Produttività nei Paesi Industriali (CER/IRS) Il Mulino, 1988
- Bagnasco, A. - La Costruzione Sociale del Mercato, Il Mulino, 1988.
- Mario Dal Co-Ristrutturazione dell'Occupazione e Relazioni Industriali. Il Mulino, 1988
- Banca D'Itália - Le Retribuzioni e Il Costo del Lavoro-Temi di discussione del Servizio Studi. Modello Trimestrale dell'economia Italiana Vol 1 Struttura e proprietà, Nº 80 dez. 86
- Faustini, G. - Retribuzioni e costo del lavoro in Italia trail 1970 e il 1985: i dati della contabilità nazionale e i confronti internazionali in Rapporto sui Salari, Bozze, 1986
- Miranda, José Carlos Rocha - Tendências Atuais da Reestruturação do Sistema Produtivo Internacional. O Caso da Itália. Relatório de Pesquisa, UNICAMP, Novembro 1987.
- Ministro del Lavoro e Della Previdenza Sociale - Labore and Employment Policia in Italy

- CER (IRS) - Quale struteogia per L'industriale Il Mulino, 1986
- Michelsons, A. - The incognite per lo sviluppo Franco Angeli, 1986.

PUBLICAÇÕES DO IEI EM 1989

TEXTOS PARA DISCUSSÃO

| | Nº de páginas |
|--|------------------|
| 183. <u>TAUILE, José Ricardo. Novos Padrões Tecnológicos, Competitividade Industrial e Bem Estar Social: Perspectivas Brasileiras. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 183).</u> | 47 |
| 184. <u>LIMA, Fernando Carlos G.de Cerqueira; GOMES, Maria Célia. Sistema Financeiro da Habitação: Limites de Expansão de um Sistema Especializado. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 184)</u> | 65 |
| 185. <u>FERRAZ, João Carlos. A Heterogeneidade Tecnológica da Indústria Brasileira: Perspectivas e Implicações para Política. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 185).</u> | 34 |
| 186. <u>TIGRE, Paulo Bastos. How Does Latin America Fit Into High Technology?. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. Discussão, 186)</u> | 16 |
| 187. <u>RUSH, Howard J. Manufacturing Strategies and Government Policies. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 187)</u> | 19 |
| 188. <u>MAGALHÃES, Paulo; SILVEIRA, Caio Márcio L.P. da; MAGALHÃES, Maria Alice E. Programas Governamentais de Autoconstrução no Brasil: Um Estudo Comparativo. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 188)</u> | 43 |
| 189. <u>PENA, Maria Valéria Junho. O Estado das Informações Sobre a Mulher no Brasil - uma avaliação. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 189)</u> | 49 |
| 190. <u>TAVARES, Maria da Conceição. A Política Econômica do Autoritarismo. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 190)</u> | 15 |
| 191. <u>AZEREDO, Beatriz; OLIVEIRA, Pedro Jorge de. Fontes de Recursos para o Orçamento da Seguridade Social. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão 191)</u> | 48 |
| 192. <u>VIANNA, Maria Lúcia Teixeira Werneck. O Postulado da Obrigação Política e Suas Justificativas Ideológicas na Teoria Clássica. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 192)</u> | 43 |

193. LIMA, Fernando Carlos G.C.Lima, FIORI, Jorge; MAGALHÃES, Paulo; TINOÇO, Galeno; ZONINSEIN, Jonas; SILVEIRA, Caio Marcio L.P.da; GOMES, Maria Celia e BASTOS, Carlos M. Sistema Financeiro da Habitação e Programas Habitacionais Alternativos: Diagnóstico e Perspectivas. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 193) 49
194. BATISTA, Jorge Chami. The Conditions for a Foreign Exchange Constrained Economy: A Critique of Joshi's Model. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 194) 16
195. FIORI, José Luís. Brasil: Uma transição democrática com crise orgânica do Estado. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 195) 38
196. TEIXEIRA, Aloisio; AZEREDO, Beatriz; MATSUTANI, Maurício; FAVERET, Paulo; OLIVEIRA, Pedro Jorge de. O financiamento da seguridade social em 1989: novos caminhos, velhos problemas. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. Discussão, 196) 63
197. BATISTA, Jorge Chami. Structural Deficits, The Debt Cycle Hypothesis and the Transfer of Real Resources. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 197) 23
198. PEREIRA, Edgard Antonio e ROMANO, Ricardo. Política Anti-inflacionária e planos de estabilização: a experiência brasileira recente. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 198) 93
199. PROCHNIK, Victor. Programas regionais para modernização e difusão de tecnologia em indústrias tradicionais. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 199) 68
200. OLIVEIRA, Isabel de Assis R.de. O imaginário político do trabalhador na literatura brasileira. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 200) 43
201. FIORI, José Luís. Sonhos prussianos, crises brasileiras. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 201) 59
202. MEDICI, André Cezar. Urbanização e Estrutura Ocupacional: Alternativas metodológicas para uma investigação. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 202) 64
203. MELO, Luís Martins de. O programa de apoio ao desenvolvimento tecnológico da empresa nacional - PADIEN - (1973 - 1988). IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 203) 34
204. SALGADO, Lucia Helena. As propostas de coordenação monetária internacional de Keynes; a institucionalidade ausente de uma economia monetária de produção. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 204) 50

205. LUSTOSA, Tânia Quiles de O. & FIGUEIREDO, José Bernardo B. de. Pobreza no Brasil: Métodos de Análise e Resultados. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 205) 58
206. FIGUEIREDO, José Bernardo. Exportações, consumo pessoal e estrutura de produção: algumas simulações para o Brasil. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 206) 72
207. MEDEIROS, Carlos. Reestruturação industrial e conflito distributivo na economia italiana. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 207) 42
208. BATTISTA, Jorge Chami e PAULA, Germano Mendes de. Avaliação e perspectivas tecnológicas das empresas estatais produtivas: o caso do setor siderúrgico. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 208) 67
209. FIORI, José Luís. Para uma crítica da teoria do Estado Latinoamericano. IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 209) 61
210. PROENÇA, Adriano e CAULLIRAUX, Heitor Mansur. Desintegração integrada: um novo padrão de organização da produção ? IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1989. (Discussão, 210) 38